

Não reconhecer os riscos das alterações climáticas é comprometer o futuro.

A Conferência de Copenhaga foi um fracasso relativo? Mesmo assim há que apostar em tecnologias limpas e em energias alternativas, defenderam gestores e membros do Governo durante uma conferência em Serralves.

O sector da sociedade de informação e das telecomunicações tem de estar incluído na agenda das questões ambientais: foi nesta lógica de definição dos desafios resultantes das alterações climáticas que se realizou na Fundação de Serralves, no Porto, a conferência Alterações Climáticas: o desafio após Copenhaga. Organizado pela APGEI (Associação Portuguesa de Gestão e Engenharia

As actividades das empresas devem estar baseadas em critérios não só económicos e sociais, mas também ecológicos //

Industrial), em parceria com a COGEN (Associação Portuguesa para a Eficiência Energética e Promoção da Cogeração), este encontro contou com a presença de Humberto Rosa, secretário de Estado do Ambiente, e de Teresa Ribera, secretária de Estado para o Câmbio Climático, de Espanha.

O incentivo à redução das emissões de dióxido de carbono e o financiamento das chamadas tecnologias limpas foram dois dos aspectos urgentes apontados pelos oradores. "Como é que a nível internacional aceitamos financiar projectos que não respeitam minimamente o ambiente?", questionou Teresa Ribera, para quem é fundamental encontrar respostas muito mais coerentes em todas as frentes de actividade, públicas e privadas.

Compatibilizar a atitude empresarial com o conceito de sustentabilidade, tal como procura fazer a Optimus, surge, assim, como um esforço necessário para dar resposta aos desafios das alterações climáticas. Em representação do sector das

telecomunicações esteve Luís Neves, vice-presidente do Departamento de Responsabilidade Social da Deutsche Telekom.

"As actividades das empresas devem estar baseadas em critérios não só económicos e sociais, mas também ecológicos", afirmou. A diminuição dos gastos e dos desperdícios surge, deste modo, como um factor-chave no dia-a-dia das empresas.

De acordo com Luís Neves, na Conferência de Copenhaga, realizada em Dezembro passado, constatou-se que não existe um projecto mobilizador da sociedade para a importância da redução das emissões de dióxido de carbono. Daí a necessidade de as empresas serem capazes de criar alianças inteligentes, numa atitude de liderança e determinação.

Perante os grandes desafios que a sociedade enfrenta na luta pelo desenvolvimento sustentável, o que incluiu "as garantias de emprego, os recursos naturais, a deterioração do solo, o aquecimento global, a redução da biodiversidade, o crescimento demográfico e a diversidade cultural, Luís Neves defende que as empresas devem reduzir o consumo de energia e apostar nas energias alternativas. As empresas que não forem capazes de reconhecer os riscos inerentes às alterações climáticas estão a comprometer seriamente o seu futuro, concluiu o vice-presidente do Departamento de Responsabilidade Social da Deutsche Telekom.

Ao apoiar esta conferência, a Optimus, sempre atenta a novas soluções para a promoção da sustentabilidade, reforça a posição que tem vindo a conquistar com a oferta de todo um leque de opções que visam à preservação do ambiente, como a banda larga móvel ou a videoconferência. Dois exemplos que provam que o mundo está à distância de um "click".

/ Um Novo Paradigma

Luís Neves acredita que o sector empresarial pode liderar um novo paradigma de defesa do ambiente. A constante interacção entre as empresas, o mercado financeiro, os fornecedores, os clientes, a política e as ciências ambientais podem ser a chave do desenvolvimento sustentável.

Humberto Rosa,
Secretário do Estado do Ambiente /

